

PRIMEIROS PASSOS DOS BATISTAS EM MANAUS NO INÍCIO DO SÉCULO XX¹

RHAISA CHRISTIE GRAZIELLA DE SOUZA LARANJEIRA ²



Resumo

O objetivo desse artigo é trabalhar o primeiro contato da igreja Batista com a população manauara no início do século XX, por meio de jornais Batistas, atas das sessões nas igrejas, uma fonte biográfica de Eurico Nelson, além de fontes bibliográficas buscando contribuir com a história da religião no Amazonas. Usaremos nesse trabalho o conceito de Campo Religioso de Pierre Bourdieu. Para o autor, a esfera sociocultural é formada por diferentes campos que normatizam as diferentes visões de mundo. Nesse sentido, é no Campo Religioso que se dão as sociabilidades da religião. Hoje, já se sabe que esse tema é extremamente importante e o estudo sobre o Campo Religioso tem se ampliado e se sofisticado com o tempo³. É válido lembrar que não se trata de um trabalho apologético, mas de uma pesquisa baseada em leitura e interpretação crítica das fontes. Esse estudo também buscará explicitar um breve contexto da chegada do protestantismo no Brasil, se debruçará nos primeiros anos da Igreja Batista em Manaus com ênfase no líder religioso Eurico Nelson.

Palavras-chave: Igreja batista, Manaus, Eurico Nelson, Campo Religioso.

Abstract

The purpose of this article is to describe the first contact of the Baptist church with the population of Manauara in the early twentieth century, through Baptist newspapers, minutes of sessions in churches, Eurico Nelson's biography, in addition to bibliographic sources seeking to contribute to the history of religion in the Amazon. We will use in this work the concept of Pierre Bourdieu's Religious Field. For the author, the sociocultural sphere is formed by different fields that standardize the different world views. In this sense, it is in the Religious Field that the sociability of religion occurs. Today, it is already known that this theme is extremely important and the study on the Religious Field has expanded and become sophisticated over time. It is valid to remember that it is not an apologetic work, but a research based in critical reading and interpretation of the sources. This study will also seek to explain a brief context of the arrival of Protestantism in Brazil, it will focus on the early years of the Baptist Church in Manaus with an emphasis on the religious leader Eurico Nelson.

Keywords: Baptist Church, Manaus, Eurico Nelson.

¹ Esse artigo foi retirado da dissertação intitulado: LARANJEIRA, Rhaisa Christie Graziella de Souza. "Hereges" x "Idólatras": embates entre Batistas e Católicos em Manaus 1900-1920. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Amazonas- UFAM, 2017.

² Mestra em História Social pela UFAM. Trabalha atualmente no setor de formação continuada no Programa de Tutoria Educacional na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério na SEMED.

³ Para saber mais sobre o conceito de Campo ler: BOURDIEU, Pierre. A dissolução do religioso. In: Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004. _____. Gênese e estrutura do campo religioso. In: A economia das trocas simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 2004. _____. O poder simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998 _____. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.



Breve contexto da chegada dos protestantes ao Brasil

Conforme Mendonça, o protestantismo americano, que chegou ao Brasil na metade do século XIX, foi muito diferente daquele conhecido logo quando os imigrantes chegaram aos Estados Unidos. Ele estava fundido com vários movimentos a partir “de sucessivas ondas de reavivamento religioso que transformaram definitivamente o perfil do protestantismo norte-americano, delineando, conseqüentemente, a face do protestantismo missionário no Brasil”⁴ (MENDONÇA, 1990. p.206). Ainda de acordo com o autor, o primeiro grupo protestante a se estabelecer permanentemente no Brasil foram os Congregacionais. Logo depois, outros grupos surgiram como os presbiterianos e os metodistas⁵.

Para Pereira, os Batistas só chegaram ao Brasil no ano de 1860 com Thomas Jefferson Bowen (1814-1875). No entanto, sua tentativa fracassou devido à saúde debilitada desse, entre outros motivos. Em seguida, os evangelizadores pioneiros foram William Buck Bagby (1855-1939) e Anne Luther Bagby (1839-1942), no qual, a primeira Igreja Batista do Brasil foi finalmente organizada no dia 15 de outubro de 1882. “Eram cinco os membros fundadores: o casal Bagby, o casal Taylor e o ex-padre Teixeira de Albuquerque.” (PEREIRA, 1982. p. 22)⁶.

Enquanto isso em Manaus, conforme Carvalho, somente no ano de 1888, apareceu Marcus Carver, considerado o primeiro missionário a pregar nessas terras.⁷ (CARVALHO, 2015. p.94). Ele trouxe umas das igrejas que mais prosperaram nos Estados Unidos, na chamada Era Metodista. Para Dreher, nesse mesmo ano, os

⁴ FILHO, Prócoro Velasques. “Sim” a Deus e “não” à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. _____. Introdução ao Protestantismo no Brasil. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p. 206.

⁵ Para saber mais sobre esses grupos protestantes ler: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: _____. FILHO, Prócoro Velasques. Introdução ao Protestantismo no Brasil. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990. CARVALHO, Sandro Amorim de. O povo do Livro: uma história da inserção do protestantismo em Manaus (1888-1944). Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2015. DREHER, Martin. História dos protestantes na Amazônia até 1980. In: História da Igreja na Amazônia. Coordenador Eduardo Hoornaert. Editora Vozes. PEREIRA, José dos Reis (da Silva). História dos Batistas no Brasil (1882-1982). Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1982. MENDONÇA. Antonio Gouvêa. O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil. 3ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. DREHER, Martin. História dos protestantes na Amazônia até 1980. In: História da Igreja na Amazônia. Coordenador Eduardo Hoornaert. Editora Vozes, 1992.

⁶ Para saber mais ler a nota 5.

⁷ Para saber mais ler: OLIVEIRA, Liliane Costa de. Vida religiosa ribeirinha. Um estudo sobre a Igreja Católica e Evangélica no Amazonas. Manaus: Dissertação de Mestrado em Sociologia na UFAM, 2012. CARVALHO, Sandro Amorim de. O povo do Livro: uma história da inserção do protestantismo em Manaus (1888-1944). Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2015.



Presbiterianos também se estabeleceram nessa cidade, mas temos pouca informação a respeito dessa congregação, e somente no ano de 1897, os Batistas, com Eurico e Ida Nelson chegaram em Manaus. Naquele momento foram batizadas cinco senhoras “e quatro delas vieram a se tornar membros fundadores [...] ou seja, d. Luiza Ferreira Cavalcante de Araújo, Marcelina Maria do Carmo Cunha, Josefa Maria do Nascimento e Thereza Maria Vieira.” (Revista do centenário, p. 5). Eurico Nelson, no entanto, chegou primeiro em Belém no ano de 1891, sem nenhum tipo de ajuda financeira por parte de organizações, empregou-se em uma Companhia de Navegações onde improvisou um hospital e buscou ajudar os doentes de febre amarela. Organizaram a primeira Igreja Batista de Belém no ano 1897, com a ajuda de Salomão Ginsburg, outro missionário americano. Depois que Nelson foi consagrado ao ministério, a Junta de Richmond o nomeou como missionário, auxiliando-o com um salário mensal⁸ (PEREIRA, 1982. p. 45).

Os primeiros anos da Igreja Batista em Manaus: a ação de Eurico Nelson

Surge hoje nesta capital o nosso despretensioso periodico, cujo título, não é preciso dizel-o, deixa ver o seu caracter religioso e seu fim: que é a pregação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Christo, e por consequencia, o combate decisivo ao mal; seja qual for o aspecto sob que aparecer-nos pela frente. (Jornal O Evangelista, 1903)⁹

O biógrafo José Pereira tende a caracterizar o biografado Eurico Nelson como um herói no qual, “para compor esta imagem, o autor deu visibilidade às representações sociais do ‘homem batista’ ideal, no qual estilo de vida, fé, persistência são elementos definidores de um modelo a ser seguido pelos demais” (RIBEIRO, 2011. p. 49).

José Pereira narra a história de Eurico Nelson mostrando que uma de suas vitórias na Amazônia foi ter vencido ao clima. Trabalhou para conseguir convertidos à sua crença, sempre visualizado de uma forma heroica, sem desistir, esse era o ideal batista.

⁸ Para saber mais sobre os missionários e igrejas batistas na Amazônia ler: RIBEIRO, Ezilene Nogueira. *Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos Batistas em Belém do Pará*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Metodista de São Paulo, 2011. CARVALHO, Sandro Amorim de. *O povo do Livro: uma história da inserção do protestantismo em Manaus (1888-1944)*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2015. LARANJEIRA, Rhaisa Christie Graziella de Souza. *“Hereges” x “Idôlatras”*: embates entre Batistas e Católicos em Manaus 1900-1920. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2017.

⁹ Optou-se por permanecer a escrita das fontes igual a daquele período.



Evangelizou e trabalhou na colportagem¹⁰ na Venezuela, em Iquitos no Peru, viajou nos Rios Branco e Negro, Rios Solimões e Madeira (PEREIRA, 1954).

Quando Eurico Nelson chegou a Manaus, a cidade vivenciava o processo final que ficou conhecido como Belle Époque, momento em que a economia gumífera¹¹ se tornava a principal fonte de riqueza da região Amazônica, transformando aquela vila pacata em uma cidade moderna que atraía investimentos e que se mostrava capaz de atender o mercado que estava surgindo. Para Gizlene Neder, a modernização dessas cidades, com a implantação da República, propiciou a passagem ao capitalismo, efetuando um “aburguesamento” nessa virada do século XIX para o XX. A autora fala da cidade do Rio de Janeiro, mas é interessante notar que esse processo de “aburguesamento” propiciado pela economia do látex, ocorreu nessa cidade, com uma parcela da população (NEDER, 1997 pp. 106-134).

Manaus era a Capital da Borracha, onde o setor dominante da economia viveria usufruindo e esbanjando as riquezas provenientes do látex. Para Pinheiro, as transformações que ocorreram na cidade vieram de forma lenta e gradual durante todo o final do século XIX, e as intervenções feitas pelo poder público eram percebidas por todas as construções da cidade que, a partir dessa economia, sofreu uma alteração frenética “fazendo sobressair com mais vigor sua metamorfose.” (PINHEIRO, 1999. p. 26). Muitas pessoas vinham do nordeste brasileiro, principalmente para os seringais, com o sonho de mudar de vida, pois a vida no Nordeste, principalmente no Ceará com a seca, já não era suficiente para o sustento de suas próprias famílias, sendo a única alternativa trabalhar na Amazônia como seringueiros. Com a imigração, Dias nos mostra que “o aumento populacional de Manaus [...], ameaça a harmonia e a beleza da cidade.” (DIAS, 2007. p.118).

Nelson era um desses imigrantes que chegavam a Manaus nesse período, e se percebe a partir das fontes que seu objetivo nesse primeiro momento era trazer a crença batista “ganhando almas para seu Salvador.” Se estabeleceu nessa capital “a congregação

¹⁰ A colportagem foi um método muito usado por outros protestantes no Pará, e foi o primeiro método escolhido por Nelson para evangelizar a população local. Vendia bíblias e Novos testamentos nas ruas, na sua casa, e nos bondes públicos. Cf: RIBEIRO, Ezilene Nogueira. *Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos Batistas em Belém do Pará*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Metodista de São Paulo. 2011. p.13

¹¹ Para saber mais sobre a economia gumífera na Amazônia Ler: SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia: 1820 - 1920*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980; WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. MARTINELO, Pedro. *A batalha da borracha na segunda guerra mundial e suas consequências para o vale amazônico*. Rio Branco: UFAC, 1985.



de Manaus é organizada em outubro de 1900, com 20 membros.” (DREHER, 1992. p.300). De acordo com a Ata da Primeira Igreja Batista de Manaus (PIBM), na sua sessão de instalação, decidiram todas as obrigações que os mesmos teriam a partir daquele dia, e, também foi eleito o primeiro pastor dessa igreja: Eurico Nelson (Ata da igreja Batista. Sessão de 05/10/1900).

Para José Pereira, os Batistas nessa cidade obtiveram uma receptividade melhor que no Pará por ter do seu lado uma família de excelente posição social: a do Coronel Manuel Pereira Cavalcante de Araújo¹². Não podemos esquecer o período que o Brasil estava vivendo com a questão do coronelismo¹³. Talvez por isso, essa família era respeitada no Amazonas. Coronel Araújo foi responsável pela hospedagem da família Nelson em sua primeira visita a Manaus, onde Nelson fez várias celebrações e batizou cinco mulheres. Na sua volta para o Pará, é provável que tenha mantido contato com o coronel, pois “ele se deslocou até Belém, para ser batizado por Nelson em 14 de agosto de 1898” (Revista do Centenário, p. 5). Esse dito Coronel participou ativamente da igreja junto com os primeiros convertidos (PEREIRA, 1954. p.80). Se tornou o Primeiro Diácono da igreja Batista e o primeiro Tesoureiro,

“Quarta: Foi proposto e apoiado a eleger Diacono da Igreja o irmão Manoel Pereira Cavalcante de Araújo. Quinta Pela votação unanime da Igreja foi eleito [...] O irmão Manoel Pereira Cavalcante de Araújo sendo o único Diacono, foi constituído thezouero da Igreja, sem votação.” (Ata da sessão de instalação. 05/10/1900).

A importância desse personagem é clara, pois também é retratado nos jornais Batistas como inspiração pelas suas ações. O rol de membros da igreja Batista na sua fundação ficou com 20 membros, mas no mesmo ano se percebe um aumento de fiéis, pois a igreja continuou batizando,

¹² No Pará a adesão foi mais difícil por vários motivos como: não falar o português, não ter ajuda das Juntas missionárias, a Igreja local ser muito forte com uma das festas maiores do Brasil como o Círio de Nazaré. Para saber mais ler: PEREIRA, José R. *O apóstolo da Amazônia*. RIBEIRO, Ezilene Nogueira. *Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos Batistas em Belém do Pará*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Metodista de São Paulo. 2011.

¹³ Segundo Carvalho, “O coronelismo era fruto de alteração na relação de forças entre os proprietários rurais e o governo, e significava o fortalecimento do poder do Estado antes que o predomínio do coronel. O movimento histórico em que se deu essa transformação foi a Primeira República, que durou de 1889 até 1930. Nessa concepção, o coronelismo é, então, um sistema político nacional, baseado em barganhas entre o governo e os coronéis. O governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos, desde o delegado de polícia até a professor primária. O coronel hipoteca seu apoio ao Governo, sobretudo na forma de votos. Para cima, os governadores dão seu apoio ao Presidente da República em troca de reconhecimento por parte deste de seu domínio no Estado. O coronelismo é fase do processo mais longo de relacionamento entre os fazendeiros e o governo. CARVALHO. José Murilo de. *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual*. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro. V. 40, n.2, 1977. p 229-250



[...] e foram batizados em 02 de dezembro de 1900, ou seja: João Teixeira de Moraes, José Cabano, Francisco Cabano, Manoel Lopes da Silva Brazil, Antonio da Silva Lima, Anna Luiza de Souza Teixeira, e Raymunda Maria Vieira, todos batizados por Eurico Nelson, no Igarapé da Cachoeirinha. (Revista do Centenário, p. 6)

Juntamente com a fundação da Igreja, era costumes dos protestantes inaugurarem escolas dominicais, pois, a alfabetização era muito importante. Sendo as igrejas protestantes o “povo do livro”, era necessário habilitá-los a lerem a Bíblia, os hinários e seus jornais impressos. As escolas dominicais serviam de base para aqueles que seriam o futuro da igreja. Não foi diferente para essa cidade. A mulher de Nelson, Ida, era a responsável de guiar as crianças e adolescente no Evangelho.

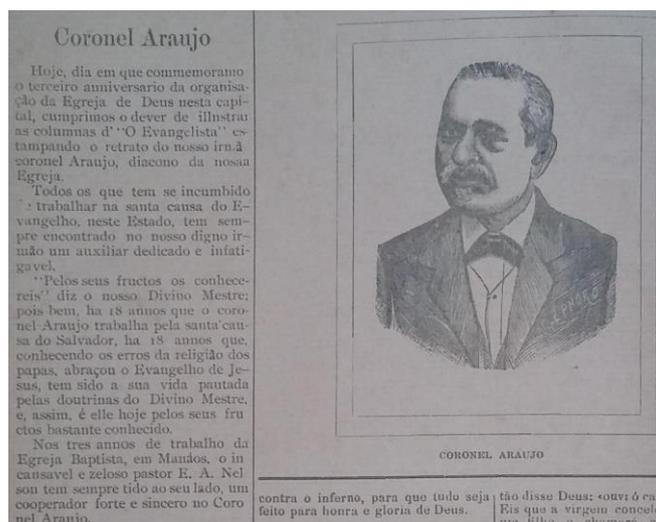


Imagem 1 – Imagem do Coronel Araujo. Retirado do Jornal O Evangelista. Ano I. N 19



Imagem 2 – Foto de Ida Nelson e Eurico Nelson. Retirada da revista do centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus. 100 anos de vitória.



Outra coisa interessante eram as práticas da igreja Batista. Para Michel de Certeau, (CERTEAU, 2002. p. 166) as práticas religiosas, desde a Reforma Protestante, eram as definidoras da identidade protestante, pois não bastava somente ter fé, tinham que praticá-la. Era assim que se estabeleciam as diferenças. De acordo com as atas da igreja Batista, o culto era sempre muito animado e tinha cânticos, orações e leituras da Bíblia. Depois do culto, eles se reuniam de uma forma democrática e decidiam, entre si, o futuro da igreja, e todos que pertenciam ao rol podiam votar. Havia também várias regras. Antes de qualquer coisa, precisava-se aderir essa fé. Existiam duas formas, primeiro: no caso de já se pertencer a alguma igreja Batista em outra localidade, se pedia uma carta demissória da igreja em questão e se encaminhava para a nova congregação, ou, no caso em que se não pertencesse ainda a igreja nenhuma, teria que se converter, declarando em público sua fé, sua mudança perante a sociedade: “o irmão pastor anuncia haver alguns candidatos, prontos para pedirem o Baptismo de Jesus (sic) e os convida para darem seu testemunho de Jesus,” (Ata da igreja Batista. Sessão de 31/12/ 1900) deixando uma vida de pecados e se entregando à causa do senhor. Era votado, e se fossem aceitos, somente assim eram batizados. Esse batismo era o mais diferente de todos, eles emergiam os convertidos (crianças não eram batizadas) em igarapés ou rios, até inaugurarem seu tanque, e assim batizavam-nos.

Em segundo lugar, havia regras como: não terem vícios, não trabalharem em lugar que poderia levá-los ao vício, como bares e botequins, sem danças, sem escândalos que pudessem prejudicar a imagem da igreja. O trabalho era valorizado pelos “crentes” e por isso deveria ser em local de boa procedência, no entanto, nas atas, só é mencionado aqueles fiéis que o trabalho era julgado, o restante dos membros da igreja não se sabe no que eram empregados. Nos registros das atas, encontramos exemplos de alguns crentes que trabalhavam em lugares como os descritos acima, ou, que em algum casamento acabavam extrapolando e tomando bebidas alcoólicas, o que era considerado um erro grave. A seguir, se tem um exemplo de um homem que conseguiu um emprego em um botequim e foi convidado a sair, se não o fizesse, seria excluído da igreja. Segundo a Ata da igreja Batista, sessão de 17/04/1903:

Declarou mais que tendo o Irmão Custodio empregado-se em um botequim vendendo bebidas o que era proibido pela Bíblia e pelo Evangelho perguntava o que se deveria fazer; sendo proposto e apoiado a aconselhar-se a esse Irmão a deixar esse logar a fim de não servir de escandalo passando a votação foi aprovado unanimemente. (Ata da igreja Batista. Sessão de 17/04/1903)



O desenrolar da situação de Custodio só foi resolvido na sessão de 03 de julho, quando ele declarou que não ia abandonar seu emprego enquanto não encontrasse outro (Ata da igreja Batista. Sessão de 03/07/1903). Como resultado, foi excluído da Igreja, pois para os membros, o “irmão”, “não se sujeitou as regras do Evangelho.” Ou seja, os Batistas eram severos quanto às práticas religiosas, como podemos ver acima. Custodio teve que escolher entre trabalhar em um local “de pecado” para o seu sustento e sair da igreja, ou ficar sem seu sustento e permanecer na igreja. Como ele escolheu a primeira opção, não se tem como saber como o mesmo ficou depois dessa exclusão. O que se percebe era a força que a igreja tinha ao seguir os ditos ensinamentos do Evangelho e continuaria assim, sem poupar nenhum fiel que andasse no “pecado”. Não foi somente um, vários personagens passaram pela mesma situação que Custodio, tendo que escolher. Um dono de hotel inclusive teve que parar de oferecer vinho aos hóspedes, pois isso era contra o Evangelho.

Quem escolhia se converter a uma nova vida, se tornar um cristão exemplar, precisava se comportar como tal. Para isso, a igreja sabia ou era informada da vida de cada fiel. Nas atas desse período, se tem descritos os comportamentos dos fiéis escandalosos que tinham como sequência a sua expulsão. Outros comportamentos reprovados eram os adultérios, ou aqueles que se ausentavam um tempo sem comunicar a igreja tal motivo, como, por exemplo, viagens que não eram avisadas, “irmãos” que estavam na Europa e esqueciam que ainda permaneciam ao rol de membros dos Batistas dessa cidade. Cada assunto era detalhado em suas atas. (Atas da igreja Batista da sua fundação até 1907.) Mas, como todo campo religioso “é o lugar de uma luta por definição [...]” (BOURDIEU, 2004. p. 120) temos como exemplo o caso de Cardoso Sobrinho, que enviou uma carta para a igreja pedindo exoneração de seu cargo de tesoureiro e dizia que também não se achava digno de participar da igreja, pois tinha pensamentos heréticos e jesuíticos. Ainda havia alguém que ouviu de Cardoso Sobrinho que o “irmão Almeida (o Pastor da Igreja) era o papa, os diáconos os bispos e, os mais membros os padres e, que, estes últimos, só fariam o que fosse determinado pelo papa e bispos [...]” (Ata da igreja Batista. Sessão de 03/05/1907). Essa analogia do Cardoso Sobrinho foi a causa de sua exclusão, pois, qualquer comparação com a Igreja Católica era uma decepção, porque, segundo eles, as diferenças entre ambos eram enormes, e, para os Batistas, a diferença começava com eles seguindo os ensinamentos do Evangelho. A questão de ele pedir exoneração antes de mostrarem o real motivo pode ter influenciado depois na sua regeneração, pois ele se reconciliou com a igreja. Mas o interessante que se nota é que



dentro da própria igreja havia conflitos, assim como em todo campo religioso.

Outra personagem exemplo de um grande conflito foi “Anna do Espírito Santo”. Apareceram na igreja várias acusações sobre sua vida, a mesma “escreveu uma carta indigna a Igreja” por essa razão foi proposto pelos membros que ela fosse excluída (Ata da igreja Batista. Sessão de 01/07/1904). “Anna” talvez seja uma representante de uma pequena resistência ao modo que a igreja agia, tanto que resolveu escrever uma carta. Como não se teve acesso a mesma, as especulações são de que o conteúdo era grave, pois, se fosse de outra forma, ela não teria sido excluída. Mas o que se percebe é a estratégia utilizada por ela, não pediu desculpas, não se regenerou como muitos fizeram. Ela simplesmente mandou uma carta deixando de ser submissa a essa fé.

As restrições eram variadas e tudo era registrado em atas como: andar com roupas adequadas, evitar idas ao Teatro, e, se fosse viajar, nada de escândalos etc. Por fim, se alguém, do rol de membros, andasse praticando atos que eram totalmente condenáveis, como os descritos acima, a igreja elegia uma comissão para investigar a pessoa e, somente com as provas, se chegaria ao resultado, se permaneceria ou não na igreja, por meio de votação.

Talvez pelas críticas recebidas de algum fiel por conta das exclusões, Nelson lembrou a eles, em uma publicação no jornal “O Evangelizador”, que aquele “irmão” sem culpa, mesmo sendo excluído pela igreja, voltaria, porque a igreja assume seu erro. Para Nelson, os inocentes não saem reclamando das punições da igreja, pois sabiam que se ela não disciplinava o membro, ela era disciplinada por Deus. “Geralmente as pessoas cortadas, são culpadas de faltas graves ou princípios falsos. Todo crente sincero que cae diz: “Devo ser cortado pois pequei [...]” (O Evangelizador. Nº4, abril de 1907). Nesse artigo, Nelson deixa claro que as expulsões não são simplesmente porque a igreja não gostava daquele fiel, mas era de acordo com ele, o que a igreja precisava fazer, pois era necessário mostrar aos outros “irmãos” que quem desprezava a igreja estaria se distanciando de Deus.

Claro que a igreja Batista tinha suas regras, assim como qualquer outra, contudo não se pode enxergá-la como uma vilã, ameaçando todos a sua volta. Se fosse assim, não teria crescido e se tornado o que é hoje. De acordo com as fontes, percebe-se que eles sempre ajudavam os seus irmãos, quando alguém precisava, eles admoestavam a pessoa. Teve caso de viúvas de pastor ou algum membro ser ajudado com pensão mensal para auxiliar a se reerguer. Em outros casos, o funeral era todo pago pela igreja. (Ata da igreja Batista da fundação até 1907.) Os Batistas também cooperavam com igrejas de outros



Estados que pediam contribuição para fazer seus templos. Contribuíam para deixar o jornal trabalhando, doavam quantias consideráveis para diversos fins, contando que fosse aprovado no rol de membros. Ou seja, é provável que apesar dessas restrições sua ação social acabava atraindo vários fiéis (Ata da igreja Batista da fundação até 1907).

Além dessas práticas, de acordo com Pereira, a igreja também se estabelecia de uma forma que propiciava a participação de todos os convertidos. A mulher de Nelson, Ida, era professora da Escola Dominical, além de participar da Sociedade das Senhoras, onde as mesmas se reuniam, uma vez por mês, e inclusive pagavam algumas contas da igreja. Doavam regularmente para o fundo de um templo que a igreja almejava, pregavam o evangelho na casa das outras irmãs e ajudavam os pobres e necessitados. Ida participava ativamente da igreja. Sempre que Nelson precisava se retirar para atender outras cidades, seu trabalho era redobrado, aconselhando, ajudando os fiéis onde os estimulava a manterem sua fé (PEREIRA, 1954. p. 84).

Esse é um fato interessante, tanto na igreja batista quanto na católica a presença da mulher foi muito marcante. Na igreja Batista, elas não ficavam alheias a nenhuma situação, se tinham vozes como desde a fundadora da igreja até Aurora de Sá que mais tarde inclusive escrevia colunas para o jornal “O Baptista Amazonense”.¹⁴

Conforme Pereira, havia também a organização dos homens. Eurico Nelson fundou a Sociedade dos Moços, para ajudar a espalhar o Evangelho. Alguns moços que pertenciam a essa Sociedade compraram uma pequena imprensa e fundaram o jornal “O Evangelista”, em 1903. Ele era publicado de duas em duas semanas, tornando-se um grande propagador dessa crença na cidade. Outro jornal bem ativo nesse período foi “O Evangelizador”, de 1905, 1906, e 1907. Eurico Nelson também criou o Estatuto da PIBM (Primeira Igreja Batista de Manaus) para regularizar a situação da igreja.

Em 1903, conforme a Revista do Centenário da Igreja Batista, Nelson também organizou as igrejas de Periquito, com sete membros, e Arajatuba, com seis membros, além de fundar em 1904, as igrejas de Popunha, Eureka e Quem-Diria no Rio Solimões. Todas elas tinham o mesmo pastor, “Manoel Gomes dos Santos”, que foi consagrado pela igreja de Manaus e batizado pelo Pastor Nelson, em 1901 (Revista do Centenário, p7).

De acordo com Pereira, Nelson, nos primeiros anos, publicou uma “Circular,” como um panfleto, na qual trazia informações adicionais para aqueles que queriam conhecer mais o evangelho e a igreja Batista. Meses depois, uma nova “Circular”, em

¹⁴ Foram encontrados os seguintes períodos desse jornal: 1919, 1920 e 1922.



homenagem ao aniversário da PIBM, foi publicada trazendo a situação da igreja naquele ano, os batismos, e sua vontade de crescer. Se percebe que esses esforços foram as primeiras formas utilizadas pelos Batistas para alcançarem várias camadas sociais. Nelson, a partir dessas publicações, tinha por objetivo ampliar os leitores dessa congregação e explicar o funcionamento da igreja, para aqueles que não a conheciam. Para Pereira, Nelson era transparente na questão de doações e tesouraria e fazia inclusive todo um balanço da igreja no sentido socioeconômico para os fiéis (PEREIRA, 1954. p. 81-82).

Nota-se também, a partir das fontes, que a PIBM sempre foi muito organizada desde o seu início. Produziam atas para cada reunião, contendo as Sociedades que se incumbiam de pagar as contas da igreja e de propagar o Evangelho, e registravam a doação regular com o objetivo de construir seu primeiro templo, “O terreno foi adquirido pela igreja para nelle construir um templo. [...] a casa atual é de madeira, e provisória, mas é forte e vistosa, suficiente para comportar de umas 250 a 300 pessoas.” (Revista do centenário, p. 7).

Sempre, em cada ata, era apresentado o relatório mensal, mostrando a receita, as despesas e o saldo da igreja, como no exemplo abaixo:

[...] Pelo irmão thezoureiro foi lido o movimento da receita e despeza do mez de Fevereiro dando o seguinte demonstrativo: Colleta durante o mez centro e trinta e quatro mil e quinhentos reis que foi a receita, parte do aluguel da casa de cultos, sessenta mil reis, que foi a despeza. [...] Ainda o irmão pastor comunicou a igreja ter recebido uma carta da Igreja de Faleça no Estado da Bahia, a qual solicita um recurso para a compra d’um prédio para realizarem os cultos. Decima. O irmão thezoureiro propõem que se deve doar cem mil reis como auxilio[...] Pela votação unanime da Igreja foi a mesma proposta aprovada, authorizando-se o thezoureiro a fazer chegar ambas quantias votadas ao seus distino. (Ata da igreja Batista. Sessão de 01/03/1901)

Percebe-se que alguns fiéis doavam quantias de vulto, enquanto algumas vezes, o tesoureiro precisava chamar atenção para as doações da igreja que se encontravam em baixa. Tudo era registrado nas atas (Atas da igreja Batista da Fundação até 1907).

Segundo as fontes, Nelson ficou presente na Igreja de Manaus até 1906, quando pediu sua exoneração para se tornar Pastor da igreja de Santarém que passava por dificuldades.

Vale também ressaltar que para os batistas, a educação era muito importante, e por isso, em 1913 foi organizada por Aurora de Sá uma pequena escola primária no térreo do Templo que trabalhava com a alfabetização dos filhos dos membros da igreja e ficou conhecida como “Thomaz Aguiar” (Revista do centenário, p. 9).



O Colportor e missionário

Eurico Nelson sempre trabalhou com a colportagem, e era a partir dela que ele sustentava sua família, quando ainda vivia no Pará. No Amazonas, com as suas inúmeras viagens, a colportagem estava presente, além é claro da evangelização. Segundo “O Evangelista”, em 1903, embarcou com destino a Iquitos no Peru, onde a Sociedade Bíblica Americana de New York enviou para Nelson uma grande quantidade de Bíblias em Espanhol (Jornal O Evangelista, 15/02/1903).

Para o jornal “O Evangelista”, Nelson, em sua viagem, optou em parar em trinta portos, incluindo as cidades de Tefé e Remate de Males onde vendeu trezentas bíblias e distribuiu folhetos e jornais. Sempre mandava notícias para a igreja Batista de Manaus. De acordo com seu relatório publicado no jornal “O Evangelista”, em Iquitos, teve boa recepção. Ficou hospedado junto com um agente que também estava em missão, conseguiu ganhar a confiança local em pouco tempo, vendeu mais “300 bíblias, 1.600 Novos Testamentos e milhares de evangelhos” (PEREIRA, 1954. P. 88). Nelson relata ainda, que nesse mesmo período alguns Frades que chegaram a Iquitos, há pouco tempo, estavam persuadindo a população a queimar suas bíblias. O interessante foi o que ocorreu depois. Conforme o artigo de Nelson no jornal, a própria população os expulsou, pois já tinham se aborrecido com eles por terem expulsado um padre e tomado de conta da Igreja Católica (Jornal O Evangelista, 01/05/1903). De acordo com sua narração, os Batistas e as bíblias foram bem aceitos naquela sociedade que se pensou até algum tempo depois mandar algum missionário para aquela região, enquanto os católicos não tiveram a ‘mesma sorte’.

Conforme Pereira, sua viagem a Iquitos, que durou aproximadamente dois meses, não foi a única. Mesmo assim, subiu o rio “Madeira até Santo Antonio e o Negro até Santa Izabel.” (PEREIRA, P.89) Para o jornal, em sua viagem pelo Rio Negro, ficou triste com a situação dos indígenas que continuavam “aos milhares nas mesmas condições em que os portugueses os encontraram há três séculos passados: os que não são brabos estão escravizados.” (Jornal O Evangelista, 13/09/1903) Para ele, só o Evangelho tiraria esses indígenas da situação em que se encontravam. Precisavam se esforçar mais. Precisavam investir em moços na igreja para que eles viajassem ao Rio Negro e pregassem aos indígenas.

Nesse caso, é preciso entender que Nelson vivia em um período em que a Europa era o grande difusor de civilização. E se hoje os historiadores, antropólogos, cientistas



sociais, debatem e refletem sobre o conceito de cultura, o mesmo não ocorria ainda no início do século XX. Tinha-se uma concepção de que cultura era sinônimo de civilização, uma visão etnocêntrica e europeia.¹⁵ Então, aqueles que não se igualassem ao ideal criado por eles, como: ter boas maneiras, saberes, automaticamente eram taxados de bárbaros ou selvagens como no caso dos indígenas que não apresentavam nenhum desses aspectos. E, nesse período, umas das formas que eram usados para conseguir tirar essas sociedades da ‘selvageria’ com mais facilidade, era a partir das missões das diversas igrejas cristãs.

No Brasil, a Igreja Católica trabalhava com a Catequese e Civilização dos índios, desde a chegada dos primeiros navios portugueses. Já com os batistas, Eurico Nelson via nesses indígenas a oportunidade para trabalhar. Ele, como europeu, nascido na Suécia, e criado nos Estados Unidos, tinha uma visão etnocêntrica, com a ideia de que, apresentando o Evangelho aos indígenas, esses, saíam da escala inferior da sociedade e se tornariam civilizados. Não se tinha uma preocupação em respeitar alteridade cultural do outro, fruto do período em que eles viviam.

Conforme “O Evangelizador”, Nelson viajou pelos rios do Amazonas inclusive o Solimões onde já havia fundado igrejas em Quem-Diria, Eurekas, “baptisou na Igreja de Popunha, no dia 18 de abril, [...] O nosso irmão Nelson teve ocasião de pregar o Evangelho no Anamã tendo boa assistência.” (Jornal O Evangelizador, 15/05/1905) Nas cidades pelas quais passava sempre vendia bíblias e às vezes conseguia batizar “algum novo cristão”. Nesse período, visitou diversas vezes a cidade de Belém e Santarém, onde realizou seu primeiro trabalho antes de chegar a Manaus. As igrejas de lá pareciam precisar mais da sua contribuição do que a dessa cidade, porque, em 1906, decidiu pedir a exoneração do cargo de pastor da primeira igreja Batista de Manaus e se instalou em Santarém.

Em sua mudança para o Pará, sempre que podia passava por Manaus e participava dos cultos nessa cidade. No relatório da igreja apresentada no jornal, iniciou o ano de 1907 com 92 membros (Jornal O Evangelizador, fevereiro de 1907), ou seja, a igreja estava bem instalada. O jornal sempre trazia notícias de Nelson no estado vizinho, erguendo o templo, batizando, fazendo conferências etc. Sempre instigando os jovens a seguirem o exemplo “daquele missionário que não descansava”.

Para Pereira, Nelson morreu em 1939, deixando um “grande legado para os

¹⁵ Para saber mais sobre esse assunto ler: ZWEIG, Stefan. *O mundo de ontem*. editora: [Assirio & Alvim](#) - 1ªED, 2014. HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio De Janeiro; 15 edição, Paz e Terra, 2001.



Batistas Amazonenses e do Brasil.” Foi com a lancha Búfalo que viajou:

[...] de Belém até Pôrto Velho (sic) onde organizou uma igreja em 16 de outubro de 1921. Em janeiro de 1922 realizou o seu velho sonho: subiu o rio Branco. [...] batizou oito pessoas ganhas para Cristo [...]. Organizou a igreja de Boa Vista, deixando-a aos cuidados do irmão Epifânio da Silva. Logo a seguir desceu o Branco, o Negro, e o Amazonas, entrando pelo Tapajós a dentro. Voltou a Santarém e atravessando até Garapé-Assu lá fundou uma igreja com 22 membros, dos quais haviam sido por ele batizados em maio de 1921. [...] Em janeiro de 1923 voltou outra vez ao Madeira e, passando Pôrto Velho foi organizar uma igreja em Águas Frias, que começou com 21 membros. Voltou depois ao Amazonas e perto de Óbidos organizou em 8 de abril a igreja de Corumucuri. Em 1925 organizou a igreja de Maués. (PEREIRA. 1954. P.98)

Na biografia de Nelson, José Pereira faz uma homenagem em seu livro *O Apóstolo da Amazônia*, para mostrar aos jovens e instigá-los a serem como ele. Percebe-se a todo o momento, um discurso laudatório e apologético, apoiando tudo que Nelson usou para conseguir evangelizar na Amazônia, não importando seus meios, apenas o que resultou deles.

Considerações finais

Nos anos 2000 completou-se o centenário da primeira igreja Batista de Manaus e a partir dessa evidência percebemos o quanto é importante investigar os primeiros passos dessa congregação buscando contribuir com a história da religião nesse estado, e com a história de muitas pessoas que se converteram a essa fé. Iniciamos fazendo um breve contexto da chegada dos missionários batistas no Brasil, e as principais fontes analisadas nos ajudaram a fazer um percurso desse início em Manaus. Pelas fontes, percebe-se a falta de missionários desse grupo Batista na região norte no período áureo da borracha, e de acordo com Pereira, depois de quatorze anos trabalhando em Manaus, Nelson se questionava o porquê de nenhum outro missionário conseguir viajar para a Amazônia a fim de evangelizar. Escreveu uma carta para a Junta de Richmond indignado, lembrando que Deus não disse “Ide a todos os bons climas, mas sim Ide a tôdas (sic) as criaturas. Consequentemente é uma vergonha para os soldados de Cristo questionar por causa do clima.” (PEREIRA, 1954. p.95). A consolidação da igreja foi fruto das investidas de Nelson, pois não se tem outro missionário estrangeiro nesse período em Manaus.

Conforme a pesquisa, se inferiu também, que os Batistas investiram em viagens, com foco nos interiores fazendo pregações, e em colportagem, ou seja, vendas e distribuições de bíblias. Trouxeram nas suas “bagagens” concepções de vida com práticas anticatólicas, assim como os outros grupos protestantes, iniciando conflitos com a Igreja



Local¹⁶. Seu maior representante nesse período são a família Nelson. Percebe-se pelas fontes uma nova concepção de comportamento, seus adeptos teriam que trabalhar, não terem vícios, seguirem as normas da igreja e excluir o ócio de suas vidas, fazer do trabalho um dever diário.

Não foi possível medir o impacto da introdução desta nova confissão religiosa em Manaus, pois não se encontrou jornais católicos nesse período ou outras fontes que se contrastasse para fazermos comparação. Sabemos da existência de jornais de outros grupos protestantes, no interior, como o “Evolucionista”, “A Paz”, jornais espíritas como “O Guia” de Parintins, mas não na capital, para uso de comparação. Os arquivos da Igreja Católica que se encontram na Cúria não estavam organizados na época dessa pesquisa, e pouquíssimas fontes desse período foram encontradas. Ao contrário da igreja Batista que possui um acervo de sua história organizado por um historiador da própria igreja. Além de tudo, os discursos trabalhados nos jornais são de formas neutras com críticas apenas para o catolicismo de maioria e outros grupos protestantes, e a todo momento narrativas laudatórias para seus membros e pastores.

Os primeiros passos foram difíceis, apenas um missionário, doenças, busca por fiéis, mas a “semente germinou” e hoje, se tem várias igrejas dessa denominação, e inclusive dissidentes dessa raiz inicial.

Data de Submissão: 18/11/2020

Data de Aceite: 01/03/2021

Fontes

Jornal O Evangelista. Ano I. Nº 1 de 1903.

Jornal O Evangelista. Ano I. Nº2 de 15/02/1903

Jornal O Evangelista. Ano I. Nº 8 de 01/05/1903

Jornal O Evangelista. Ano I. Nº 17 de 13/09/1903

Jornal O Evangelizador. Ano I. Nº 7 de 15/05/1905.

Jornal O Evangelizador. Ano III. Nº 2 de Fevereiro de 1907.

Jornal O Evangelizador. Nº 10 de 14/10/1906

Jornal O Evangelizador. Nº4 de abril de 1907.

Jornal O Evangelizador. Ano III. Nº 2 de Fevereiro de 1907

¹⁶ Para saber mais ler: LARANJEIRA, Rhaisa Christie Graziella de Souza. “Hereges” x “Idólatras”: embates entre Batistas e Católicos em Manaus 1900-1920. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Amazonas- UFAM, 2017.



BURNS, E. Bradford. *Manaus, 1910 – Retrato de uma cidade em expansão*. Manaus: 1966.

Ata da Igreja Batista da fundação até 1907. Sessão de 05/10/1900. Disponibilizado pela PIBM.

Ata da Igreja Batista da fundação até 1907. Sessão de 31/12/ 1900. Disponibilizado pela PIBM.

Ata da igreja Batista da fundação até 1907. Sessão de 17/04/1903. Disponibilizado pela PIBM.

Ata da igreja Batista da fundação até 1907. Sessão de 03/07/1903. Disponibilizado pela PIBM.

Ata da igreja Batista da fundação até 1907. Sessão 01/07/1904. Disponibilizado pela PIBM.

Ata da igreja Batista da fundação até 1907. Sessão 03/05/1907. Disponibilizado pela PIBM.

Revista do Centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus. 100 anos de vitória.

Disponibilizado pela PIBM.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A dissolução do religioso*. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *Gênese e estrutura do campo religioso*. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2004.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual*. *Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro. V. 40, n.2, 1977.

CARVALHO, Sandro Amorim de. *O povo do Livro: uma história da inserção do protestantismo em Manaus (1888-1944)*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2015.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. 2º edição, Manaus: Editora Valer, 2007.

DREHER, Martin. *História dos protestantes na Amazônia até 1980*. In: *História da Igreja na Amazônia*. Coordenador Eduardo Hoornaert. Editora Vozes, 1992.

FILHO, Prócoro Velasques. “Sim” a Deus e “não” à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. _____. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2º edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio De Janeiro; 15 edição, Paz e Terra, 2001.





- LARANJEIRA, Rhaisa Christie Graziella de Souza. “*Hereges*” x “*Idólatras*”: embates entre Batistas e Católicos em Manaus 1900-1920. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Amazonas- UFAM, 2017.
- MARTINELO, Pedro. *A batalha da borracha na segunda guerra mundial e suas consequências para o vale amazônico*. Rio Branco: UFAC, 1985.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil*. In:_____. FILHO, Prócoro Velasques. Introdução ao Protestantismo no Brasil. 2º edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. 3º edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- NEDER, Gizlene. *Cidade, Identidade e Exclusão social*. Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 2, n 3, 1997, pp. 106-134.
- OLIVEIRA, Liliane Costa de. *Vida religiosa ribeirinha. Um estudo sobre a Igreja Católica e Evangélica no Amazonas*. Manaus: Dissertação de Mestrado em Sociologia na UFAM, 2012.
- PEREIRA, José dos Reis (da Silva). *História dos Batistas no Brasil (1882-1982)*. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1982.
- PEREIRA, José dos Reis. *O Apóstolo da Amazônia: Eurico Alfredo Nelson*. 2º edição. Casa publicadora Batista. Rio de Janeiro, 1954.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.
- RIBEIRO, Ezilene Nogueira. *Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos Batistas em Belém do Pará*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Metodista de São Paulo. 2011.
- SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia: 1820 - 1920*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- ZWEIG, Stefan. *O mundo de ontem*. editora: [Assirio & Alvim](#) - 1ªED, 2014.